

A EDITORA BRASILIENSE E A OPOSIÇÃO À DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA**THE BRASILIENSE PUBLISHER AND THE OPPOSITION TO THE BRAZILIAN DICTATORSHIP**Andréa Lemos²⁸⁰

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as mudanças na trajetória da editora Brasiliense cuja relevância histórica encontra-se em seu papel de oposição às ditaduras brasileiras. São apresentados os principais aspectos da construção de sua linha editorial e identificadas as ações políticas de seus editores, desde sua criação nos anos quarenta até a década de oitenta, permitindo a problematização de seu projeto editorial face os desdobramentos da ditadura civil-militar brasileira.

Palavras-chave: editora Brasiliense, militância política, empresário da cultura, ditadura civil-militar.

Abstracts: The aim of this paper is to analyze the changes in the trajectory of the Brasiliense publisher whose historical significance lies in its role as opposition to the Brazilian dictatorship. The main aspects of the construction of its editorial line are presented and identified the political actions of its editors, since its inception in the forties to the eighties, allowing the questioning of its editorial project face the consequences of the civil - Brazilian military dictatorship.

Keywords : Brasiliense publisher, political activism, entrepreneur culture, civil - military dictatorship

A fundação da editora Brasiliense ainda nos anos 1940 ocorreu como iniciativa de alguns intelectuais *pecebistas* com intuito de publicar a revista *Hoje - o mundo em letra de forma* marcando sua criação em 1943.

As dificuldades de divulgação das ideias comunistas enfrentadas pelos membros do Partido Comunista do Brasil (PCB) devido a própria clandestinidade que marcou a história do Partido, em quase todo tempo de sua existência, tornavam-se minimizadas por essa iniciativa editorial. Desde julho de 1922, ano de sua criação, o partido já fora considerado ilegal pelo governo Artur Bernardes, sendo essa situação alterada apenas entre janeiro e agosto de 1927. Desse momento até 1945, o PCB não teve reconhecimento legal para sua participação política, o que não o impediu de atuar. A publicação da revista *Hoje - o Mundo em Letra de Forma* garantia sua oposição à política ditatorial do Estado Novo, no entanto,

²⁸⁰ Doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

os organizadores da revista não tinham a intenção de ficar só com essa publicação e avançavam em sua iniciativa disponibilizando recursos pessoais e familiares para o empreendimento maior de criar uma editora com objetivo de "dar voz aos cromatismos e às dissonâncias do pensamento brasileiro, criando um espaço em que os escritores pudessem expressar as suas ideias livremente"²⁸¹.

As "dissonâncias do pensamento brasileiro" eram, na então editora Brasiliense, compostas por temas que tratavam das questões da história recente do país e, em particular, referiam-se "à política rural, às leis trabalhistas, à reforma agrária, à política alimentar"²⁸². A importância do tratamento dessas temáticas relacionava-se aos desdobramentos da forma de desenvolvimento econômico existente no Brasil desde os anos 30. Era o momento em que passara a vigorar a legislação trabalhista e o salário mínimo fora fixado, o que dera ao Estado o papel de regulamentador da relação capital/trabalho e ainda de "formador do preço da força de trabalho".²⁸³

Diante desta conjuntura política, as publicações tratavam recorrentemente de defender os interesses da classe trabalhadora contestando as questões trabalhistas e agrárias, pois havia um deslocamento paulatino das atividades econômicas do setor cafeeiro para o setor industrial nesse período. Entre 1945 e 47, tempos de redemocratização no governo Dutra, o PCB saiu da ilegalidade e a editora lançou a revista *Fundamentos*, onde se expressaram as mudanças de orientação de seus autores em relação ao partido, pois as "discordâncias com relação à política do PCB tomavam um caráter cada vez mais explícito"²⁸⁴.

Ao divulgar temas sobre a realidade brasileira com críticas à ditadura do Estado Novo (1937-1945), a revista concretizava, naquele ano, o objetivo de Caio Prado Júnior, Monteiro Lobato²⁸⁵ e Artur Neves de distribuir clandestinamente um material produzido pelo Partido Comunista do Brasil (PCB). A maioria dos textos era apresentada por autores brasileiros, em boa parte pelos fundadores da revista.

²⁸¹ IUMATTI, Paulo Teixeira. *50 anos de Brasiliense (1943-1993)*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. XVII.,p. 1

²⁸² *Ibidem*, p. 2.

²⁸³ MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil Recente-1964-1992*. São Paulo: Ática, 1996, p. 8.

²⁸⁴ IUMATTI, op. cit., p. 2.

²⁸⁵ Segundo Ênio Silveira, "o Lobato era, entre outras coisas fascinantes acusado de comunista; ele não era propriamente comunista, mas simpatizava com o partido (...) não era membro do partido, mas era muito amigo de comunistas e sempre esteve ao lado do partido nos momentos mais difíceis". Ênio Silveira apud PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999, p. 53.

Do ambiente intelectual da elite paulista surgia os nomes de prestígio vinculados à fundação da editora, fato este que garantiu o impulso necessário para a continuidade da empresa. Segundo Pedro Paulo Moreira:

por ter surgido já com o prestígio de pessoas há muito presentes no meio editorial, como Monteiro Lobato e Artur Neves, a *Brasiliense* contou com uma valiosa ajuda tanto no que se refere à produção e à impressão de livros, como no concernente à sua distribuição²⁸⁶.

Nesses anos iniciais, entre os 19 autores brasileiros publicados, a editora não apresentou nenhum lançamento de grande destaque para o mercado de livros. No entanto, sua livraria, de mesmo nome, tornou-se, em São Paulo, um importante lugar de encontro para a crescente formação de um público atraído pela presença de Monteiro Lobato²⁸⁷. Foi apenas a partir da década seguinte que algumas publicações se tornaram responsáveis pelo sucesso editorial da *Brasiliense*. Mais do que publicar textos do PCB, a Editora foi se comprometendo com a diversificação de ideias entre a própria esquerda, debatidas por intelectuais que discordavam do modelo político vigente. Dentre outras coleções que tinham esse perfil, a título de exemplo, a editora publicou, em 1945, a coleção Problemas Brasileiros sob a coordenação de Caio Prado Junior, cuja proposta era a

apresentação e a discussão de projetos e pesquisas interdisciplinares visando à solução de problemas atuais relativos às condições de vida da população (...), à política alimentar, às leis trabalhistas, à reforma agrária, às diretrizes para uma política rural e à política externa.²⁸⁸

Na década de sua fundação, além de Monteiro Lobato e da romancista Maria José Dupré (conhecida como Sr^a Leandro Dupré), os principais autores foram: Nelson Palma Travassos, Sergio Milliet, Paulo Prado e Thomaz Oscar Marcondes de Souza, intelectuais de formação tradicional e críticos do Estado Novo. A respeito do conjunto dos autores e dos temas da *Brasiliense* nos anos 40 concluiu Iumatti:

²⁸⁶ Depoimento de Pedro Paulo Moreira. IUMATTI, Paulo Teixeira. *50 anos de Brasiliense (1943-1993)*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. XVII.

²⁸⁷ PAIXÃO, op. cit., p. 129.

²⁸⁸ IUMATTI, op. cit., p. XXIX.

a Brasiliense adensara uma parcela da intelectualidade de esquerda e liberal nos tempos da rua D. José de Barros, um dos palcos da luta de diversos intelectuais e militantes pelo estabelecimento de alicerces políticos democráticos nos quais os grupos oprimidos tivessem uma efetiva participação, em meio à esfera geral da 'opinião pública' (...) preocupada em trazer à tona (...) o debate acerca da democracia, das condições de vida dos moradores das periferias citadinas e da imensa maioria de habitantes do campo, congregava em torno de sua proposta, mesmo que apenas em parte, muitos intelectuais de diverso matiz ideológico. Os autores dos livros dessa coleção (...) destacavam-se por serem quase todos, aparentemente, de esquerda.²⁸⁹

É importante ressaltar que, apesar da efetiva filiação de Caio Prado Junior, um dos fundadores da editora, junto ao PCB, inclusive eleito como deputado estadual em 1947, o vínculo da editora com o partido ocorreu apenas devido à primeira iniciativa dele e de Artur Neves, este também militante mas não filiado do partido. Ou seja, não podemos afirmar que a Brasiliense tenha sido uma editora vinculada estreitamente aos interesses do partido comunista ainda porque, em nenhum momento de sua história, apresentou-se de forma sectária quanto às escolhas das obras.

Nos anos 50, a editora publicou as *Obras Completas* de Lima Barreto²⁹⁰, autor marginalizado até aquele momento, cuja obra era definida pelos críticos da época como expressão de literatura vulgar e simples. No entanto, concordamos com Carlos Nelson Coutinho quando diz que Lima Barreto foi

o primeiro grande intelectual brasileiro a se beneficiar diretamente (da)... maior explicitação das contradições sociais, (da)... primeira, ainda que incipiente, tentativa de organizar a partir de baixo a vida política e cultural brasileira.²⁹¹

Foi justamente por seu caráter realista e militante, criticando as injustiças na sociedade brasileira, que o escritor pode ser identificado à linha editorial proposta pela *Brasiliense*. Acreditamos, assim, que a posição da Editora no campo editorial foi se legitimando pelo caráter de suas publicações ser dirigido a um público crescentemente acadêmico e preocupado com a formação crítica. Mas, apesar da editora ocupar, já na década de 50, uma posição importante no campo editorial, em especial junto a um determinado setor

²⁸⁹ IUMATTI, op. cit., p. XXXIX.

²⁹⁰ Lima Barreto (1881-1922) publicou em vida o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, sua obra mais conhecida, na qual critica, segundo Carlos Nelson Coutinho, o "(...) modelo de desenvolvimento 'prussiano', pelo 'alto', que o florianismo e o militarismo (tema central do romance) encarnavam tão bem".

²⁹¹ COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 27.

de intelectuais na sociedade brasileira - posição esta conquistada também por seu editor Caio Prado Junior - ela não liderava as vendas no conjunto desse mercado ²⁹².

Ainda nos anos 50 a editora publicou a Revista Brasiliense (1955 - 1964), que pode ser destacada como uma importante publicação pela contribuição ao debate nacionalista da época. Lançada no período em que o projeto estatal de desenvolvimento econômico passava por significativas mudanças - devido à participação do capital estrangeiro na promoção do desenvolvimento nacional - a Revista Brasiliense reforçava uma posição de contestação à política econômica do governo de Juscelino Kubitschek (JK). Ademais, devemos lembrar que foi essa Revista que garantiu a retomada das vendas da editora após uma significativa crise ²⁹³ econômica e política em fins dos anos 40. A Revista Brasiliense, então criada por Caio Prado Júnior e Elias Chaves Neto, contou ainda com o apoio de outros intelectuais como Heitor Ferreira Lima, João Cruz Costa, Sérgio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet, que juntos consolidaram:

um núcleo sem filiação política ou partidária, em torno do qual vários escritores, médicos e especialistas das mais diversas áreas (...) [pretendiam] ajudar na formação de uma consciência interessada na reorganização de nossa sociedade, levando em conta suas diversidades regionais, de modo a elevar o padrão de vida da grande maioria da população, condição sem a qual seria impossível a formação de uma nacionalidade brasileira. ²⁹⁴

A importância da Revista Brasiliense pode ser constatada pela presença em seus artigos de uma reflexão de oposição às adequações da economia brasileira ao capital internacional e, portanto, refletia também as posições nacionalistas de alguns setores da esquerda brasileira, como daqueles inseridos no discurso e na política populista. Com base na análise de Paula Beiguelman ²⁹⁵, podemos afirmar que o nacionalismo presente nos artigos da Revista Brasiliense defendia claramente a prioridade do capital nacional, bem como o maior controle do governo sobre as empresas estrangeiras que eram prejudiciais ao interesse nacional.

²⁹² Paulo Teixeira Lumatti afirmou que a Brasiliense vendeu grandes quantidades de livros para o MEC e o INL, mas não apresentou nenhum exemplo dessas vendas e até o momento não foram obtidos mais dados.

²⁹³ Essa crise política ocorreu com a cassação do mandato de deputado estadual e a subsequente prisão de Caio Prado Júnior, em 1948, acrescida, ainda, da morte de Monteiro Lobato (sócio-fundador da Editora) e das grandes facilidades de importação do livro estrangeiro, dificultando as vendas do produto nacional.

²⁹⁴ BEIGUELMAN, Paula. A Revista *Brasiliense* e a expressão teórica do nacionalismo econômico brasileiro. In: D'INCAO, Maria Ângela (org). *História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior*. São Paulo: Unesp e *Brasiliense*, 1989, p. 474.

²⁹⁵ BEIGUELMAN, op. cit. In: D'INCAO, op. cit., p. 474.

Apesar da defesa do modelo de desenvolvimento econômico apresentado na Revista - onde a editora representava um setor de esquerda da sociedade brasileira - não foi esse modelo que se sustentou a partir do governo JK, quando, ao contrário, a presença de multinacionais e do capital estrangeiro aumentou no país.

Por sua vez, o mercado editorial foi contemplado nesse período com apoio do governo sobre a indústria gráfica. Ao fazer "concessão de licenças de importação para o setor gráfico"²⁹⁶, para que pudesse haver substituição dos equipamentos obsoletos - que tanto aumentavam o custo da produção como tornavam as editoras brasileiras muitas vezes "dependentes de impressores no exterior"²⁹⁷ - o governo assegurou a esse setor um crescimento de 143,3% entre 1950 e 1960²⁹⁸. Além disso, o governo também isentou o setor livreiro e a indústria de papel de vários impostos; reduziu as tarifas postais para livros e, apesar de não tocar nas medidas protecionistas sobre o papel estrangeiro, forneceu subsídios ao papel brasileiro para que fosse competitivo com o importado. Mesmo com a melhoria das condições materiais de produção do livro, não houve grandes mudanças em relação ao número de editoras, sendo, porém, nesse período que a editora Brasiliense expandiu sua empresa para outras regiões, inaugurando filiais em Recife e Porto Alegre.

Em 1960, a Brasiliense lançou a coleção *Jovens do Mundo Todo* que publicava romances históricos e editava também livros dos autores da Revista Brasiliense. Com o golpe militar de 1964, a Editora continuou defendendo um perfil nacionalista e acompanhando as mudanças do pensamento político de esquerda que fazia uma autocrítica e revisão das teses da esquerda, acirrando a discussão na Revista Brasiliense.

A partir da ditadura civil-militar, Caio Prado Júnior teve seus vínculos institucionais debilitados devido a sua posição política de esquerda. Desde 1964 ele se afastou gradativamente da Brasiliense e seu filho, Caio Graco da Silva Prado²⁹⁹, passou a ocupar diversos postos-chave na Editora. Caio Graco, porém,

²⁹⁶ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 2005, p. 442-443.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 445.

²⁹⁸ Esse crescimento dependeu, em larga medida, das pressões do empresariado do setor. Para maior entendimento de suas formas de organização ver : Galucio, Andréa Lemos Xavier. Ênio Silveira: o empresário militante. In: *Livros Vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Marcelo Badaró Mattos (org.). Rio de Janeiro: Bom Texto; FAPERJ, 2010. P.230-266.

²⁹⁹ Caio Graco Prado, terceiro filho de Caio Prado Junior com Herminia Ferreira Cerquinho.

também acabou sendo atingido pela censura do regime e, "em 1964, ficou preso por dez dias no DOPS por publicar na editora a coleção *A História Nova do Brasil*", dirigida pelo historiador e general reformado Nelson Werneck Sodré".³⁰⁰ Nesse mesmo ano o governo militar determinou "a invasão da gráfica Urupês e a destruição da composição dos exemplares de março/abril da Revista Brasiliense."³⁰¹ A ação estatal sobre as publicações de esquerda mostrava a crescente força da censura, da repressão e da coação.

A Revista Brasiliense pode ser considerada a mais importante obra da última gestão de Caio Prado na editora. Para Moisés Vinhas, entre os militantes comunistas que desempenharam relevante papel no plano cultural, no pré e pós-golpe de 64, deve-se destacar Ênio Silveira e Caio Prado Junior - justamente por suas iniciativas de publicar respectivamente, as Revistas *Civilização Brasileira* e *Brasiliense*. Ao avaliar sua visão sobre o papel do editor Ênio Silveira à frente da Revista *Civilização Brasileira* o autor defende que, no plano cultural,

Em São Paulo, já antes de 1964, um papel positivo na luta ideológica havia sido desempenhado pelo historiador e economista marxista Caio Prado Junior e pela Editora e Revista *Brasiliense*, que aglutinava intelectuais de valor, como Elias Chaves Neto, Samuel Pessoa e outros. Após 1964 tornara-se um centro de resistência ao autoritarismo. É bem verdade que nem sempre a sua existência e atuação foram bem entendidas, não só pelas conhecidas divergências de ordem teórica entre o historiador e a orientação predominante no PCB, como pelo fato de a *Brasiliense* ser de fato uma revista de frente, agrupando comunistas e não comunistas (nacionalistas), faceta esta que certamente não agradava aos mais sectários.³⁰²

O golpe militar de 1964 interrompeu, assim, os "...tempos de euforia desenvolvimentista, de acelerada politização da sociedade, de amplos debates sobre a eficácia revolucionária da arte, de explosão de reivindicações dos trabalhadores urbanos e rurais."³⁰³ E, rapidamente, traduziu-se em uma série de medidas de censura restringindo a liberdade de expressão. Alguns órgãos e leis foram criados com esse fim, como os atos institucionais desde 1964 e a Lei de Imprensa³⁰⁴ em 1967, cerceando publicações³⁰⁵,

³⁰⁰ EDITOR revolucionou mercado nos anos 80". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19/06/1992, p. 6.

³⁰¹ IUMATTI, op. cit., p. 6.

³⁰² VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas*. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 238-239.

³⁰³ MORAES, Dênis de. *A Esquerda e o Golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 24.

³⁰⁴ A Lei de Imprensa proibia a divulgação de matérias que acusassem qualquer pessoa do governo e dava ao Ministro da Justiça total poder para julgar e apreender jornais e revistas que o fizessem.

autores e intelectuais até a generalização do controle sobre todas as formas de publicação, a partir do Ato Institucional n.º 5. Vejamos como a editora sobreviveu no novo quadro político.

O período da ditadura militar se caracterizou pela falência financeira de algumas editoras e a editora Brasiliense passou por esse processo de forma singular na década de 60; pois, ao mesmo tempo em que perdeu textos e autores, também apresentou um certo crescimento econômico sob a direção de Caio Graco Prado. Segundo Iumatti,

Em 1967, durante o governo Castelo Branco a editora obteve um "lucro superior em 26% em relação ao ano precedente" e publicou a coleção América Latina - Realidade e Romance com sucesso (...). Mesmo assim até 1968 algumas publicações de autores críticos ao regime foram mantidas, como por exemplo, "a coleção Teatro Universal", criada em 1965 e dirigida por Sábato Magaldi. Trazendo ao público traduções dos grandes clássicos de dramaturgia, a coleção incluía também autores brasileiros como Jorge Andrade, Nelson Rodrigues e Gianfrancesco Guarnieri.³⁰⁶

No entanto, essa situação não duraria após 1968, quando foi instaurado o Ato Institucional n.5: que permitia a polícia invadir as gráficas, editoras e livrarias destruindo textos e livros, o que fez com que muitos editores passassem a controlar suas publicações fazendo previamente uma censura nos textos.

Os anos 70 seguirão com essa mesma característica. Em 1974, juntamente com o aumento dos preços do papel decorrente da crise do Petróleo de 1973, a Editora passou por sucessivos problemas no mercado editorial e pediu concordata. Acrescenta-se a isso o ônus resultante de uma linha de crédito muito grande que havia feito para o projeto de venda de publicações de porta em porta³⁰⁷. Segundo Hallewell, "apesar das vendas aumentarem, as margens de lucro foram sendo cada vez mais comprimidas"³⁰⁸, nesse período, para as editoras.

O crescimento econômico brasileiro no chamado segundo "milagre econômico" apresentou uma taxa anual de 9% a 11%, mas não garantiu sucesso para alguns setores da indústria editorial. Houve

³⁰⁵ Verificamos no acervo do DOPS/Rio de Janeiro duas publicações apreendidas pela polícia política. As duas eram do mesmo autor: CASTRO, Josué de. *Homens e Carangueijos*. SP: Brasiliense, 1967, 177 pgs; e CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. SP: Brasiliense, 1965, 169 pgs.

³⁰⁶ IUMATTI, op. cit., p. 6-8.

³⁰⁷ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

³⁰⁸ HALLEWELL, op. cit., p. 498.

também restrição ao crédito bancário, importante fonte de apoio financeiro para a Editora, uma vez que ela não contava com capital de giro suficiente para as importações de papel.

Entretanto, as editoras não sofreram com mesmo grau de intensidade as consequências da crise econômica do país em meados dos anos 70. Ao contrário da editora Brasiliense, por exemplo, a editora Abril teve um grande sucesso editorial com a publicação da coleção de filosofia, *Os Pensadores*, a partir de 1974, garantindo um sucesso de vendas durante o regime militar. No começo dos anos 80, a Abril daria prosseguimento às vendas de fascículos em bancas de jornal, mas com outra coleção, *Os Economistas*, que viria a ser um grande sucesso quando lançada em 1982. As condições da editora Abril no campo editorial eram mais promissoras que as da Brasiliense, mostrando que as conquistas e possibilidades de criação nesse campo ligavam-se a um poder de escolha desigual de lançamentos de livros entre as editoras e que não se explicavam apenas a partir de um aspecto, seja meramente econômico ou político, mas de um conjunto de poderes significativos que interagiam naquele momento histórico.

Reconhecendo o lançamento de *Os Pensadores* em plena ditadura ou de *Os Economistas* na abertura democrática e considerando as dificuldades das editoras de esquerda, pode-se admitir que as "regularidades específicas [do campo é] que o definem..."³⁰⁹. Isso quer dizer que no campo editorial agem diferentes forças. O fato da editora Abril não ter sofrido restrições em seu desempenho empresarial no regime militar, pode estar associada ao fato da mesma não ter se comprometido em publicar majoritariamente uma linha contestatória ao regime. Afinal, as publicações que o fizeram sofreram censura direta, como ocorreu com a revista *Veja* desde o ano de seu lançamento em 1968 até 1976. Já, no período da abertura, quando essa editora publicou *Os Economistas*, seus editores se adequavam também às novas demandas do mercado que voltava a diversificar os temas dos livros.

A mudança de posição da editora Brasiliense no campo editorial ocorreu em fins dos anos 1970 ao mesmo tempo que Luiz Schwarcz, recém-formado em administração pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, começou a atuar na Editora como estagiário, passando a encarregado e depois diretor editorial, quando Caio Graco Prado presidia a empresa. Sua contribuição foi bastante significativa, pois ele incentivou a produção de coleções e teve como mérito o "pontapé" inicial para investir mais nesse tipo de

³⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998, p.59-75. A noção de "campo editorial" elaborada por Bourdieu é referida a um espaço social relativamente autônomo. Isso quer dizer que na lógica interna do próprio campo estão também traduzidas todas as forças externas (econômica e política, principalmente) nas quais as estratégias editoriais se realizam. Para ele, não há autonomia dos lugares de decisão, mas há sim a produção de uma seleção regrada pela complexidade da lógica do campo. É este a única "autonomia" a que pode ser apreendida ao buscar-se os determinantes das estratégias editoriais.

empreendimento junto às ideias de Caio Graco em princípios dos anos 80. Até esse momento, a editora Brasiliense não havia se destacado no mercado editorial com grandes tiragens, mas garantia, principalmente, a publicação de textos de autores do círculo intelectual paulista. Segundo Luiz Schwarcz, a editora publicava para um público particular, o próprio meio intelectual paulista.³¹⁰ A mudança ocorreu justamente com a publicação da coleção Primeiros Passos, quando Caio Graco Prado passou a perceber o interesse do público jovem e a exigir de seus autores um texto menos acadêmico.

Podemos destacar então que o carro-chefe dos seus lucros nesse período esteve relacionado à publicação da Coleção Primeiros Passos, criada por Caio Graco Prado – presidente desta editora desde 1975. Com essa coleção, o maior sucesso de vendas que ela já havia experimentado, a editora passou a ter uma nova posição no mercado editorial, se restabelecendo econômica e culturalmente após os duros anos de regime militar. A Brasiliense começava então uma nova fase, diferente daquela em que seus livros foram proibidos e queimados por caracterizarem uma ameaça ao regime militar, e quando seu proprietário foi feito preso político. A criação da Coleção Primeiros Passos, então, vem de encontro a essa nova necessidade de leituras antes censuradas, porém, surgiu como uma proposta diferencial, mais pedagógica, propondo em cada volume, o conhecimento inicial de um dado tema.

A produção da Brasiliense mantinha, nessa época, uma média de 550 títulos quando o total de títulos produzidos pelo Estado de São Paulo foi de 5.875. Apesar de corresponder a aproximadamente 10% do total do Estado, pois a área de livro didático garantia 60% desse total do Estado, Caio Graco transformou a *Brasiliense* na segunda maior editora do país, nesta década. Segundo documento³¹¹ interno da editora isso ocorreu "graças às suas ideias luminosas e ousadas" e a publicação da "Coleção Primeiros Passos (...), a Encanto Radical, Tudo é História e as Cantadas Literárias (que abriga o best-seller Feliz Ano Velho, de Marcelo Paiva)"³¹². Nesse documento está explicitada a iniciativa individual de Caio Graco, qualificando-o como um "homem de grandes atuações". Esse personalismo dado ao editor reflete a tradição da Editora sempre ligada a conquistas de "grandes homens", como seu pai, Caio Prado, ou como o sócio inicial daquele, Monteiro Lobato, evidenciando, portanto, uma forma de autolegitimação valorizada no interior da própria editora.

³¹⁰ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

³¹¹ Documento da editora *Brasiliense*: Ficha com dados do editor Caio Graco da Silva Prado, sem data.

³¹² *Ibidem*.

Para melhor visualizar aquelas conquistas materiais da Brasiliense, pode-se observar ainda que seu editor restabeleceu a Editora economicamente com um tipo de publicação que se contrapunha à tendência da produção editorial da época. Rosendo Rodriguez, estatístico do *Setor de Estudos* do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), afirmou que em 1979:

97,1% do total de exemplares foi produzido no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, responsável pelo consumo de 52% dessa mesma produção. O primeiro lugar em número de títulos pertence ao Rio de Janeiro, com 52,2% do total, principalmente devido à concentração, (...), das empresas produtoras de 'Literatura' e 'Literatura Infanto-Juvenil'. São Paulo responde pelo maior número de exemplares, 64,4%, devido à sua maior produção de "Livros Didáticos" e "Fascículos".³¹³

Como podemos verificar nas tabelas abaixo, diferentemente dessa tendência favorável das editoras terem sucessos garantidos com livros didáticos, a editora Brasiliense obteve maior projeção no mercado editorial da época com um tipo de publicação que tinha o menor percentual de vendas (ver tabelas a seguir) que eram as chamadas Coleções, em especial com a Coleção Primeiros Passos, e nos anos subsequentes lançou outras coleções, tais como: Cantadas Literárias, Tudo é História, Circo de Letras e Encanto Radical.

Tabela 1 - Tipos de livros editados – 1979 (distribuição percentual sobre exemplares)³¹⁴

TIPO FÍSICO	PERCENTAGEM
1.1 – Avulso	58,70
1.2 – Coleção	7,42
1.3 – Livro de Bolso	11,40
1.4 – Fascículo	22,48
TOTAL	100,00

NOTA: 100% corresponde a 249.002.895 exemplares.

³¹³ ROSENDO J. D. Rodriguez. Produção editorial brasileira. *Boletim do SNEL*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1981, p. 2.

³¹⁴ ROSENDO, op cit..

Tabela 2 - Tipos de livros editados – 1980 (distribuição percentual sobre exemplares)³¹⁵

Tipo Físico	Porcentagem
1.1 – Avulso	60,21
1.2 – Coleção	4,65
1.3 – Livro de Bolso	10,15
1.4 – Fascículo	24,99
TOTAL	100,00

NOTA: 100% corresponde a 242.912.611 exemplares

Nesse momento também circulava uma publicação mensal chamada Leia Livros, importante por fazer análises da situação do mercado editorial e debates conjunturais e sobre livros recém-publicados. O Leia Livros foi idealizado por Caio Graco Prado e Cláudio Abramo, em 1977, mas publicado apenas em 1978 pela Brasiliense. Era uma publicação mensal, ou ainda, segundo Fernando Paixão,

um book review (...) em formato tablóide, funcionou inicialmente como um registro do que se publicava no país. Críticas, pequenas notas e relações de obras lançadas ocupavam praticamente todo o jornal. Com o tempo transformou-se em jornal de resenhas e veículo para a discussão de idéias. Editado inicialmente por Caio Túlio Costa, sucedido por Caio Fernando Abreu, Pedro Maia Soares e Lúcia Nagib, e contando por muitos anos com a importante colaboração de Alberto Dines, o Leia chegou a ter 3600 assinantes e uma tiragem de 12 mil exemplares. No mesmo ano de 1984, o jornal foi vendido à editora Joruês, [passando ao título de Novo Leia] que manteve sua publicação até 1991.³¹⁶

A editora lançou também nessa mesma década “a literatura 'beat' norte-americana de Jack Kerouac e Charles Bukowski e investiu também no policial 'noir' com romances de Dashiell Hammett e Raymond Chandler.”³¹⁷ Seu catálogo apresentava diversas categorias de livros: literatura geral, literatura infanto-juvenil, administração, antropologia, comunicações e artes, ciência e tecnologia, economia, educação, filosofia, história, política, psicologia e sociologia.³¹⁸

³¹⁵ Ibidem.

³¹⁶ PAIXÃO, Fernando. *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo; Ática, 1998, p. 175.

³¹⁷ EDITOR revolucionou mercado nos anos 80. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19/06/1992.

³¹⁸ PRADO, Caio Graco da Silva. *Curriculum Vitae*. Documento: Arquivos da editora Brasiliense, 25/02/1986.

Apesar da Brasiliense já possuir um "capital simbólico", construído por Caio Prado Júnior como importante intelectual, foi com seu filho, Caio Graco, que a editora obteve o maior sucesso de vendas desde sua criação. Ela chegou, em 1985, não só como a segunda maior editora do país, como já foi mencionado, mas também como a maior em número de vendas em São Paulo com três milhões de exemplares vendidos.³¹⁹ Nesse período, a Brasiliense publicava anualmente 550 títulos (entre lançamentos e reedições), com uma tiragem anual de 2.300.000 exemplares, quando o Brasil produzia anualmente cerca de 13 mil títulos e mais de 240 milhões de exemplares³²⁰. Para uma editora de esquerda, sob um regime ditatorial, pode ser analisado como um número expressivo de produção. Ainda mais se for considerada a produção de um país desenvolvido como a França, por exemplo, aonde o número de exemplares chegava a 400 milhões por ano e com a metade dessa produção destinada ao mercado externo.³²¹

Em 1986, Luiz Schwarcz saíra da editora para fundar sua própria casa editorial, a Companhia das Letras. Apesar desse ponto não ser aprofundado aqui é importante considerar que para qualquer editora de médio ou grande porte a entrada no mercado de mais uma editora do mesmo nível causa um impacto devido à concorrência.

Caio Graco continuava apostando em meios inovadores para o funcionamento do mundo do livro, pois pretendia abrir 100 livrarias num sistema de franquias, atendendo às novas demandas do mercado, que, segundo o diretor comercial da livraria e da editora Brasiliense, Clayton Guerato, funcionaria da seguinte maneira:

primeiro, o pequeno livreiro não precisará do know-how para comprar os livros, o que é a coisa mais difícil do ramo, pois compraremos para ele; segundo, não terá de ficar esperando o vendedor da grande livraria que passa raramente à sua porta, pois entregaremos a ele o livro na mesma velocidade em que exporemos em nossas lojas; terceiro, não terá de se preocupar com o encalhe, pois, sempre que determinado livro não vender o esperado, temos como fazê-lo girar pelas lojas; quarto, sua oferta será diversificada como a de um grande livreiro.³²²

³¹⁹ Documento da editora *Brasiliense*: Ficha com dados do editor Caio Graco da Silva Prado.s/data, fl.2.

³²⁰ *Ibidem*, fl. 1.

³²¹ Dados extraídos do *Boletim do SNEL*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1982.

³²² Clayton César Guerato em entrevista a José Nêumane Pinto. (PINTO, José Nêumane. *Brasiliense abrirá 100 livrarias em 86*. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 17/05/1986, p. 17).

A ideia era buscar o leitor não tradicional. Nas palavras do editor: “nós vamos trombar o leitor, levando a livraria para a porta de sua casa.”³²³ Nessas estratégias incluíam-se também as vendas de porta em porta, mas, principalmente, o editor buscou abrir livrarias em diferentes bairros, expandindo-se do centro de São Paulo para ampliar as vendas. A fórmula adotada era simples: aumentar as vendas com descontos. Segundo José Nêumane Pinto,

A Brasiliense tem o maior ponto de vendas de livros do país: mensalmente, são vendidos 40 mil livros em sua loja, da rua Barão de Itapetininga, no centro de São Paulo. Por causa desse volume, a empresa conseguiu dos editores descontos de 37,5% sobre o preço da capa. Se alguém resolver abrir uma pequena livraria, não conseguirá mais do que 25 % de desconto, porque seu volume de vendas será pequeno. Por causa dessa baixa margem de lucro, o pequeno livreiro não pode errar quando pede o número de exemplares de um livro. Se ele subestimar a capacidade comercial do livro, perderá a chance de vendê-lo como deveria. Se superestimar, pedindo mais livros, terá prejuízo.³²⁴

A última iniciativa, estritamente editorial, ainda não apresentada da *Brasiliense*, foi em relação ao sistema de pagamentos dos direitos autorais. Em 1981, o pagamento que era feito semestralmente aos autores, passava a ser trimestral. Esse tipo de iniciativa já havia ocorrido em 1978, quando esta mesma editora alterara a forma de pagamento dos direitos autorais, realizado anualmente para o pagamento semestral, o que acabou predominando no mercado.

No entanto, em meados da década de 80, as coleções que a editora inaugurou no mercado, “com exceção da Primeiros Passos, ou haviam encolhido, tirando títulos de circulação, ou simplesmente tinham sido retiradas do mercado”³²⁵. Nessa época, segundo Rollemberg, Caio Graco ainda tentou duas estratégias empresariais arriscadas, com “investimentos altos e retorno financeiro incerto: abrir franquias de suas livrarias e criar a Casa do Livro, uma espécie de grande revendedor e distribuidor de seus títulos e dos de outras editoras. Uma espécie de *megastores*, antes que essas viessem a existir”³²⁶. O editor, no entanto, não conseguiu concretizar nenhum desses objetivos devido às dificuldades econômicas. Caio Graco morreu em 1992, quando a editora mudara significativamente de posição no mercado editorial.

³²³ *Ibidem*, p. 18.

³²⁴ PINTO, José Nêumane. *Brasiliense abrirá 100 livrarias em 86*. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 17/05/1986, p. 17.

³²⁵ ROLLEMBERG, Marcello. *Um circo de letras: a editora Brasiliense e as transformações sociais, culturais e políticas do Brasil nos anos 80*. São Paulo, 2005. Dissertação (mestrado), Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 2005, p. 101.

³²⁶ *Ibidem*, p. 102.

As iniciativas do editor da *Brasiliense* não se esgotaram em busca de sua legitimação no mercado editorial, mas também se caracterizaram pelas tomadas de posição na esfera mais ampla da política. Para mencionar uma ação emblemática destaca-se o estímulo à organização política e partidária da esquerda, pois além da Editora publicar, ao longo de sua trajetória, títulos e autores importantes para o pensamento de esquerda e nesse momento ter participado da formação do PT, Caio Graco lançou a cor amarela como cor-símbolo do movimento pelas *Diretas-já*.

Em matéria na Folha de São Paulo, Caio Graco dizia que:

a idéia do uso do amarelo para simbolizar a vontade popular pelas 'diretas já', ele conta ter surgido em janeiro, quando assistia a um telejornal, que mostrava o povo das Filipinas empregando a cor amarela para mostrar que era contra o presidente Ferdinand Marcos. Na reunião do Comitê pró-diretas discutiu-se o lançamento da cor amarela e questionando se não deveria ser verde Graco afirmou: "o verde a gente usa impunemente, por acaso. O amarelo não. Chama mais atenção, é menos comum e a gente pensa antes de usá-lo. Além do mais, é a cor da sabedoria na filosofia oriental."³²⁷

O forte apoio à campanha das *Diretas Já* remete, novamente, ao peso das eleições para o processo democrático naquele momento, ou melhor, da ênfase que lhe foi dada pelos diversos setores, inclusive do editor e dos intelectuais da editora *Brasiliense* ao divulgarem a cor amarela como símbolo desse movimento.

O período de produção da coleção *Primeiros Passos* coincide com o chamado processo de democratização. É justamente nesse período que a sociedade brasileira, em seus diversos setores, ampliou significativamente suas formas de participação política. Entende-se, então, que a Editora construiu seu envolvimento junto às lutas da esquerda incentivando os debates nas ruas e na campanha das *Diretas Já* e, por outro lado, abria a possibilidade de uma produção em escala maior, voltada para esse público.

Concluimos que a participação do editor se caracterizou como empresário simpatizante das lutas dos movimentos sociais e políticos dos trabalhadores, inclusive em prol da formação do PT, principalmente na candidatura de Eduardo Suplicy, mas seu reconhecimento se deu, sobretudo, no sucesso da Coleção *Primeiros Passos*, nas escolhas de temas, autores e percepção da demanda do público leitor. Sua participação como incentivador cultural na promoção de debates políticos permitiu ao editor imprimir, em sua função de publicar livros, uma perspectiva militante em prol da democratização.

³²⁷ CAIO Graco, o homem do amarelo, crê nas diretas. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 19/04/1984.

BIBLIOGRAFIA:

- BEIGUELMAN, Paula. A Revista *Brasiliense* e a expressão teórica do nacionalismo econômico brasileiro. In: D'INCAO, Maria Ângela (org). *História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior*. São Paulo: Unesp e *Brasiliense*, 1989, p. 474.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 1996.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAIO Graco, o homem do amarelo, crê nas diretas. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 19/04/1984.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre idéias e formas*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DREIFUSS, René. *1964 - A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 2005.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. *50 anos de Brasiliense (1943-1993)*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *Caio Prado Júnior, historiador e editor*. 2001. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.
- MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil Recente-1964-1992*. São Paulo: Ática, 1996. (Coleção Princípios)
- MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MORAES, Dênis de. *A Esquerda e o golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- PAIXÃO, Fernando. *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.
- ROLLEMBERG, Marcello. *Um circo de letras: a editora Brasiliense e as transformações sociais, culturais e políticas do Brasil nos anos 80*. São Paulo, 2005. Dissertação (mestrado), Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 2005.
- VINHAS, Moises. *O Partidão: a luta por um partido de massas*. São Paulo: Hucitec, 1982.